

## CONSEQUÊNCIAS DA CONVIVÊNCIA ENTRE ANIMAIS NATIVOS E EXÓTICOS

Luis Gustavo Ravazolo – Biólogo

Ao falar sobre animais, temos que, primeiramente, ter em mente que existe uma variedade de espécies e origens distintas. Com base nisto, surgem três categorias de forma a entender a conexão entre as espécies e o meio ambiente.

Começamos pela categoria dos animais silvestres nativos, que é todo aquele de espécie terrestre ou aquática, migratória ou não, cujo ciclo de vida ocorre dentro dos limites de sua distribuição natural. Por exemplo, podemos ter um animal silvestre nativo para o território nacional, somente para um ou mais estados, etc.

De outro lado, temos o animal exótico, que é aquele que ocorrendo em vida livre, fora de sua área de distribuição natural, adaptou-se e proliferou-se sem controle, passando a constituir, muitas vezes, um risco para animais nativos ao competir por recursos, tais como comida e abrigos.

Temos ainda os animais domésticos, que são todas aquelas espécies que ao longo dos anos tiveram suas características físicas e comportamentais alteradas, passando a se distinguir das espécies que as originaram, como os cães, os gatos, os cavalos e os porcos.

Trazendo esta distinção, vamos imergir um pouco mais no assunto e traçar alguns pontos que possam contribuir para melhor entender os desafios e implicações desta convivência.

A superpopulação de saguis na área urbana de Bauru, em São Paulo, por exemplo, pode colocar em risco o equilíbrio natural de espécies. Segundo o biólogo e diretor do Zoológico Municipal, Luiz Pires, e comprovado também pelo IBAMA, quando os saguis não encontram seu alimento preferido, se alimentam dos ovos e dos filhotes de aves. “Aqui em Bauru já foram feitos estudos no Jardim Botânico em que um pesquisador colocou ninhos artificiais nas árvores e os saguis comeram esses ovos”, explicou Pires.

Durante cinco meses do ano de 2009, a Câmara Municipal de São Paulo debateu a situação dos animais na cidade, os dramas da inserção e convivência entre domésticos, domesticados, silvestres nativos, exóticos e a sociedade humana, tentando encontrar novos rumos para a interação com os animais domésticos e a preservação dos silvestres em seus habitats, apontando as seguintes situações:

1- Nos parques e outras áreas verdes de São Paulo, a presença de cães e gatos abandonados por proprietários irresponsáveis e procriando sem controle, vem provocando queixas e denúncias de usuários e preocupando a Divisão de Fauna, devido aos agravos para a fauna silvestre. A diretora da Divisão explica que os gatos caçam principalmente filhotes de aves e comem ovos. Se os filhotes são poupados nos ninhos, acabam capturados na fase em que estão aprendendo a voar e sobreviver sozinhos. Quanto aos cães, crescem os registros da formação de matilhas e ataques sérios a várias espécies de silvestres, como os veados constantemente vitimados no Parque Anhanguera e no Carmo;

2- A Dra. Ângela Branco, uma das idealizadoras da Divisão de Fauna de São Paulo, explica que os domésticos não fazem parte da cadeia natural, mas causam desequilíbrio ambiental e prejudicam, sim, a fauna silvestre. Os domésticos devem estar sob o cuidado de famílias humanas, não são mais preparados para viver em vida livre, não fazem mais parte de nenhuma cadeia alimentar. Quando caçam ou se alimentam de ovos, causam graves

---

prejuízos. Também podem transmitir zoonoses. Estes animais, quando conseguem prosperar em vida livre, acabam competindo com os nativos, causando forte desequilíbrio ambiental (sagüis, por exemplo).

E em Joinville, como está esta interação entre as espécies?